

## Poucos se despedem de Sarney

29 NOV 1988  
JOZAFÁ DANTAS

E cada vez mais reduzido o número de ministros que comparece a Base Aérea de Brasília para desejar sorte ao presidente José Sarney nas suas viagens internacionais e testemunhar a transmissão temporária do Poder Executivo. Desta vez a maior surpresa ficou por conta do ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nobrega, que fazia parte da comitiva oficial. Ele não viajou e não apareceu para cumprimentar o presidente Sarney e o deputado Ulysses Guimarães, que assumiu interinamente a Presidência da República.

O presidente Sarney viajou acompanhado dos ministros Abreu Sodré, das Relações Exteriores; Roberto Cardoso Alves, da Indústria e do Comércio; e do general de divisão Rubens Bayma Denys, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República. Os governadores dos estados do Sul (Pedro Simon, do Rio Grande do Sul; Pedro Ivo, de Santa Catarina; e Alvaro Dias, do Paraná) não viajaram com Sarney. Eles alegaram que estavam ocupados com a negociação da dívida externa dos seus estados.

Apenas 14 ministros compareceram, sendo dois interinos: Vicente Fialho, da Irrigação; João Batista de Abreu, do Planejamento; Ivan de Souza Mendes, do SNI; Prisco Viana, da Habitação e do Bem-Estar Social; José Aparecido de Oliveira, da Cultura; Jáder Barbalho, da Previdência e Assistência Social; Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações; André Rico Vicente, interino da Indústria e do

Comércio; Moreira Lima, da Aeronáutica; Hugo Napoleão, da Educação; Iris Rezende, da Agricultura; José Reinaldo, dos Transportes; Paulo Tarso Flexha de Lima, interino das Relações Exteriores; Paulo Brossard, da Justiça.

Causou surpresa a ausência dos ministros Ronaldo Costa Couto, chefe do Gabinete Civil e interino do Trabalho, Leônidas Pires Gonçalves, do Exército; Henrique Saboia, da Marinha; Aureliano Chaves, das Minas e Energia, João Alves Filho, do Interior; Borges da Silveira, da Saúde; Walbert Lisieux Medeiros Figueiredo, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; Aluizio Alves, da Administração; Ralph Biasi, da Ciência e Tecnologia; e Leopoldo Bessone, da Reforma e do Desenvolvimento Agrário.

Mas, para suprir a vaga dos faltosos, foram à Base Aérea o consultor-geral da República, Saulo Ramos, e muitos parlamentares, como os líderes do governo no Congresso Nacional, deputado Carlos Santa'Anna, na Câmara e senador Saldanha Derzi, no Senado; o presidente interino da Câmara, deputado Paulo Mincarone; o presidente do Supremo Tribunal Federal, Rafael Mayer e o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz. Compareceram também outros parlamentares e funcionários dos escalões inferiores do governo.

Quando Ulysses Guimarães cumprimentava as autoridades, dois fatos chamaram a atenção de

todos. O primeiro foi o gesto que fez para Antônio Carlos Magalhães. Ulysses levou a mão a frente, num sinal de continência ao ministro, por suas ligações com os militares. Depois ele estendeu a mão, para o cumprimento formal dos civis. Eles trocaram algumas palavras, que não foram captadas pelos presentes, mas causaram sensação as pessoas que observavam o encontro, diante do sorriso malicioso que brotou dos lábios do ministro. Antônio Carlos fez duras críticas ao deputado, porque discordou do discurso proferido na promulgação da Constituição, no dia 5 de outubro último, quando Ulysses criticou severamente o regime militar.

Outro diálogo, o mais demorado, ocorreu com o consultor-geral Saulo Ramos. Ulysses e Saulo ficaram por alguns momentos segurando os braços, trocaram palavras, mas que não foram captadas pelos presentes. Uma única que escapou de Saulo, em alto e bom tom, foi "é cascata". Os dois sorriram, como velhos amigos, diante de uma boa piada. Saulo falou depois que é muito amigo de Ulysses. A intriga é feita pela imprensa, acusou de forma bem humorada. Apesar de estar com um pequeno problema na vista direita, ele fez questão de ir a Base Aérea. Saulo foi um grande crítico dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, que tinha Ulysses como presidente. O relacionamento era frio e chegaram a trocar algumas farpas, que, para o público externo, significava grande inimizade.

CORRETO BRAZILIENSE